

Nietzsche e Kundera põe "o mais pesado dos pesos"

José Leonardo Annunziato Ruivo; Kathrin Rosenfield (orient.)

Nietzsche, em *A Gaia Ciência*, aforismo 341 nos apresenta a idéia do eterno retorno como um círculo de determinado número de variações que se repetem constantemente. Esta mesma idéia será apropriada esteticamente por Kundera no *"A insustentável leveza do ser"* mostrando o caráter singular e irrecuperável de cada ação, sua dependência de situações conjunturais e subordinação a interesses específicos onde os pensamentos, sentimentos e impulsos impõe o que fazer. Se, a hipótese estética de Kundera dialoga fundamentalmente com Nietzsche, de que modo os personagens encarnam as figuras do filósofo da negação e afirmação da vida, do ressentimento, enquanto consciência escrava mas, também, da aceitação do mundo tal como ele é sem ressalvas? E, como podemos compreender estas posturas na sua relação com o eterno retorno: enquanto meio de purificação, prova de coragem, exercício de introspecção, guia de conduta ou imperativo existencial? Ou mesmo, aproximar-se-ia da primeira formulação kantiana do imperativo categórico (*"age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal"*)? Supondo que a afirmação da vida, em Nietzsche, encontra-se em uma postura interna, em um aceitar, em um ter consciência para além de qualquer formalismo ou norma externa tratar-se-ia, acima de tudo, de um experimentar-se a si mesmo nesta cadeia finita percorrendo o tempo infinito.